

VESTUÁRIO DE ORGULHO PELO CORPO NEGRO IDEALIZADO

Apparel that communicates pride for the Idealized Black Body

Batista, Isaac Matheus Santos; Mestre; Universidade Federal de Pernambuco, isaacmsbatista@gmail.com¹
Rocha, Maria Alice Vasconcelos; Doutora; Universidade Federal de Pernambuco, modalice.br@gmail.com²

Resumo: Com dados etnográficos e teorias de base semiótica, mostramos a construção de uma narrativa em que as pessoas negras, devido ao racismo, têm vergonha pelos traços diacríticos da “raça” negra que carregam em seus corpos. Porém, elas passam a se identificar com uma imagem ideal do Negro do passado africano pré-colonização, e manifestam a recuperação do orgulho pelos seus traços corporais no uso do vestuário de orgulho pelo corpo negro idealizado que inclui: brincos com referência ao corpo negro; flores no cabelo cacheado e no cabelo crespo; e corpos negros representados em roupas.

Palavras-chave: Vestuário; corpo negro; Movimento da Negritude; antirracismo; orgulho.

Abstract: Using ethnographic data and semiotic-based theories, we show the construction of a narrative in which black people, due to racism, are ashamed of the diacritical features of the black “race” that they carry on their bodies. However, they begin to identify with an ideal image of the black person from the pre-colonial African past, and manifest the recovery of pride for their bodily features by wearing apparel that expresses pride for the idealized black body, including: earrings that reference the black body; flowers in curly and kinky hair; and black bodies represented on clothing.

Keywords: Apparel; black body; Blackness Movement; antiracism; pride.

A vergonha pelo corpo negro

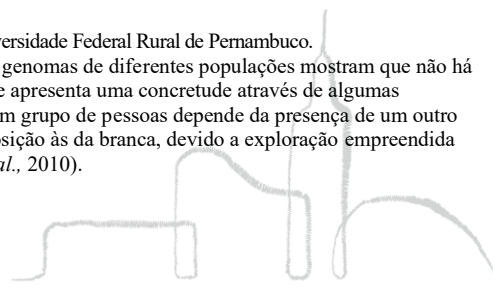
Este artigo resulta de uma dissertação (BATISTA, 2019) que usou etnografia (KOZINETTS, 2010) junto ao Facebook de 64 pessoas negras antirracistas e a favor da valorização da negritude para compreender os sentidos do seu consumo de vestuário. Aqui, veremos, de um lado, relatos dos participantes sobre um racismo que provoca vergonha pelos traços corporais da “raça”³ negra; e de outro lado, uma luta antirracista baseada numa recuperação do orgulho pelos traços corporais da “raça” negra, sendo tal orgulho manifestado também no vestuário.

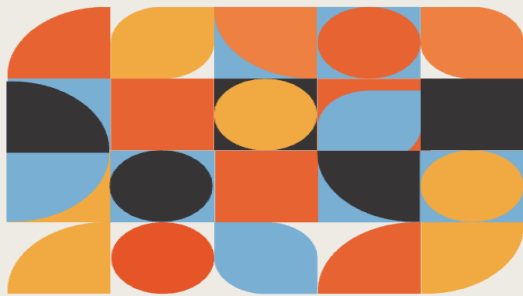
Na semiótica, a vergonha é considerada um sentimento oposto ao do orgulho. De acordo com Harkot-De-La-Taille e De La Taille (2004), a vergonha e o orgulho, além de serem reveladores do que é considerado bom

¹ Mestre em Consumo, Cotidiano e Desenvolvimento Social pela UFRPE. Bacharel em Design pela UFPE.

² Doutora em Design de Moda. Mestre em Engenharia de Produção. Bacharel em Arquitetura. Professora Titular da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

³ Antropólogos e geneticistas concordam que a raça não é um fator biológico inato, pois as pesquisas acerca dos genomas de diferentes populações mostram que não há distintas categorias raciais de humanos. A raça deve ser entendida como um discurso socialmente construído que apresenta uma concretude através de algumas características fenotípicas que diferenciam um grupo de pessoas de outro. A definição dos sinais diacríticos de um grupo de pessoas depende da presença de um outro grupo a quem se possa comparar. As características da raça negra enquanto discurso foram construídas numa oposição à da branca, devido a exploração empreendida pelos povos europeus sobre os povos africanos que por eles foram trazidos às Américas e escravizados. (SANTOS *et al.*, 2010).





ou mau dentro de um grupo, ainda tornam explícito quais os valores que as pessoas relacionam à sua boa imagem.

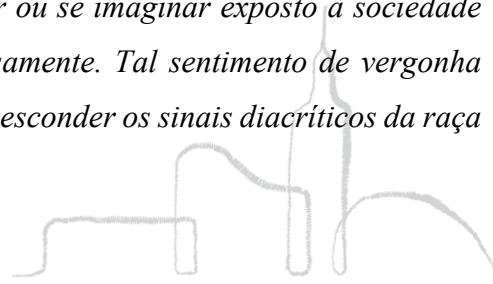
Para os autores, a vergonha se dá da seguinte maneira:

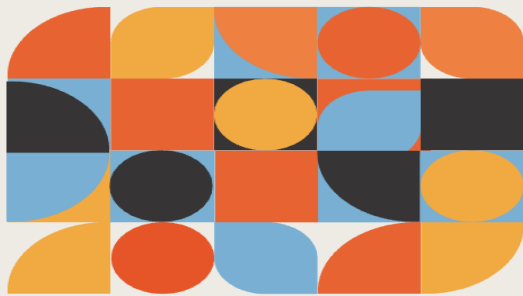
Três condições de base concorrem na instauração da vergonha, esse sentimento penoso de desonra, esse mal-estar moral. Em primeiro lugar, o sujeito precisa ver-se dentro de um grupo, pertencente a um “nós”, isto é, estar em uma situação de compartilhamento de valores, em que não diferencia valores seus e do grupo, na área em questão. Em segundo lugar, o sujeito deve crer que a imagem de si veiculada tem pouco valor, o que lhe causa um sentimento de rebaixamento ou inferioridade (sou menos rico, corajoso, justo, importante, etc., do que gostaria ou deveria). Finalmente, ao lado da comunhão de valores e do sentimento de inferioridade, é preciso incidir a possibilidade de exposição dessa imagem a um “outro”, uma instância (alguém ou grupo) legitimada pelo sujeito para julgar negativamente essa imagem. A vergonha, portanto, é paixão [ou sentimento] de um ser social. [...] nenhum homem coraria vivendo em isolamento total. (HARKOT-DE-LA-TAILLE; DE LA TAILLE, 2004, p. 78).

Como visto, a “exposição” é importante para que o indivíduo possa ser julgado negativamente em relação àquilo que ele e seus pares consideram de pouco valor. Essa “exposição” pode ser real, na medida em que o sujeito é realmente exposto para o olhar dos outros de fato e acaba recebendo uma sanção negativa; ou pode ser imaginária, quando o sujeito imagina a si mesmo diante dos olhos dos outros e antecipa imaginariamente que os outros irão lhe dar uma sanção negativa. (HARKOT-DE-LA-TAILLE; DE LA TAILLE, 2004).

Considerando no contexto da semiótica (FIORIN, 2013), o sentimento de vergonha assim descrito pode servir para manipular o sujeito a rejeitar, abandonar ou esconder o que é considerado vergonhoso para evitar receber castigos (sanção pragmática) ou evitar a criação de uma imagem negativa de si aos olhos dos outros (sanção cognitiva). Por exemplo, alguém que sente que ser careca é percebido como feio pelos outros, pode usar um chapéu para esconder a cabeça ou fazer uma cirurgia de transplante capilar, evitando reações negativas (piadas, rejeições amorosas etc.) ou evitando uma imagem negativa de si ao olhar dos outros.

Durante o tempo da etnografia, pudemos perceber que as pessoas do estudo construíam uma narrativa que se encaixa no enquadramento sobre a vergonha conforme abordagem de base semiótica discursiva que explicamos acima. Essa narrativa trata sobre a vergonha dos sujeitos negros pelo seu corpo negro, com seus traços diacríticos corporais como nariz largo, lábios grossos, cabelo crespo ou cacheado e pele escura. Tal narrativa pode ser resumida como se segue: *A sociedade racista e eurocêntrica racializa sujeitos como sendo da raça negra e os coloca numa hierarquia que inferioriza o negro em relação ao branco. Inserido nessa sociedade racista e eurocêntrica, o sujeito racializado como negro sente que os traços diacríticos da raça negra que carrega em seu corpo são inferiores, o que lhe causa sentimento de vergonha ao se expor ou se imaginar exposto à sociedade racista e eurocêntrica que age com discriminação e julga preconceituosamente. Tal sentimento de vergonha provoca performances em tais sujeitos inclinadas a rejeitar, abandonar ou esconder os sinais diacríticos da raça negra de maneira a evitar sofrer discriminação e preconceito.*

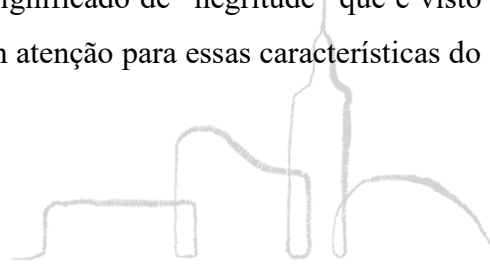


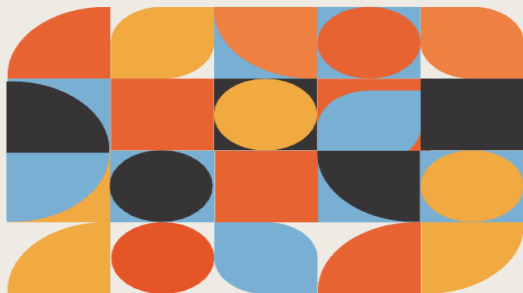


Os participantes referenciaram o corpo negro várias vezes, falando constantemente como a pele escura era o principal sinal que os racializava como negros, e como isso, devido ao racismo, os tornava alvo de preconceito e discriminação, como violência e morte, eugenia, menos empatia pelo seu sofrimento, desumanização e inferiorização dos traços diacríticos da “raça” negra em questão de beleza. Exemplos disso estão na figura 1.

Vimos relatos de como esses significados negativos associados ao corpo negro faziam os participantes tentarem se embranquecer e apagar os traços diacríticos da “raça” negra que carregam sobre seus corpos, devido à vergonha que causam. Nos posts sobre transição capilar, era comum ver como muitas pessoas que agora assumem a negritude tentavam a esconder pelo alisamento do cabelo, por esse ser considerado feio, duro, ruim, o que lhes envergonhava. Em um post, certa vez, uma das participantes perguntou se as meninas negras vivenciaram o alisamento dos cachos ou do crespo quando eram mais jovens ou se sempre gostaram de ter o cabelo cacheados ou crespos. Vinte pessoas disseram que alisavam e não aceitavam os cabelos cacheados/crespos. Dentre os motivos que as levavam a alisar os cabelos, destacaram-se: pois queriam ser mais aceitas socialmente; pois a família dizia que era feio e alisava o cabelo quisesse a pessoa ou não; pois a própria pessoa odiava e achava feio seu cabelo. Além do alisamento, houve pessoas que citaram que escondiam o cabelo em forma de coque.

Para os participantes, além de o racismo dar um valor negativo ao corpo negro com todos os seus traços diacríticos da “raça” negra, ele também exige que o corpo negro seja apagado, aniquilado simbolicamente, embranquecido, encoberto, nunca destacado, e isso seria conseguido também no uso ou não uso de algumas roupas ou maquiagem. Basicamente, algumas pessoas negras do estudo, como nos casos dos posts de Soraya e de Jamilly (ambos na figura 1), reclamaram sobre os comentários que as pessoas faziam no dia a dia sobre o uso de cores fortes pelos negros, pois essas cores, quando presentes em roupas e acessórios, destacariam ainda mais a pele negra, ou destacariam os outros traços do corpo negro quando presentes nos batons, nas tinturas de cabelo etc. A partir dos posts, entendemos o seguinte: do ponto de vista dos racistas, usar essas cores que destacam e chamam a atenção para os traços diacríticos da “raça” negra seria um disfemismo, ou seja, seria um reforço de algo negativo. Em outras palavras, uma vez sendo os fenótipos característicos da “raça” negra valorados negativamente devido ao racismo que privilegia o padrão de beleza branco, usar cores fortes como vermelho e amarelo nas partes do corpo que são tidas como negras (pele escura, cabelo crespo/cacheado, nariz e lábios grossos) seria uma forma de reforçar ou tornar ainda mais repugnante o significado de “negritude” que é visto como ruim na sociedade, já que tais tonalidades destacariam ou chamariam atenção para essas características do corpo que são desvalorizadas num contexto racista.



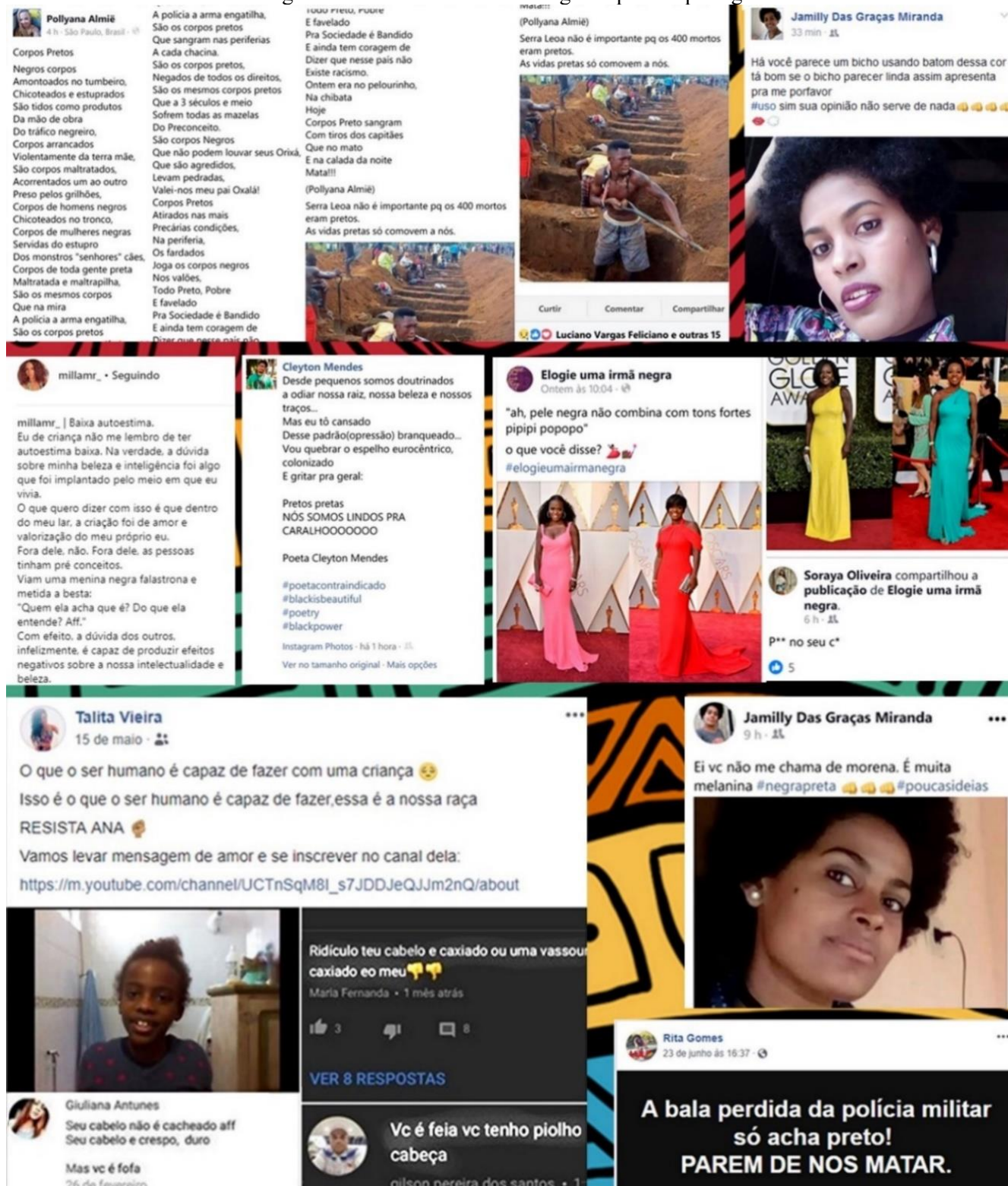


20º COLÓQUIO DE MODA

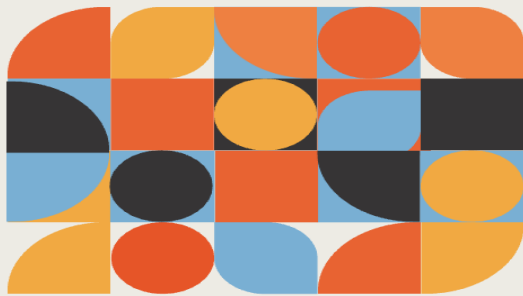
19º FORUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Figura 1: Posts sobre racismo e vergonha pelo corpo negro



Fonte: Elaborado a partir de prints do Facebook dos participantes.

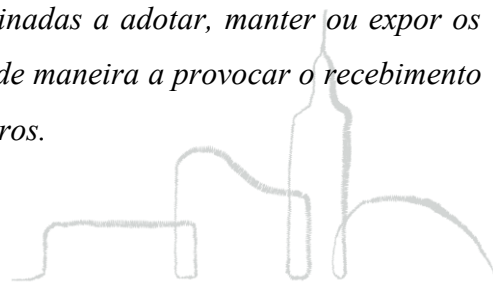


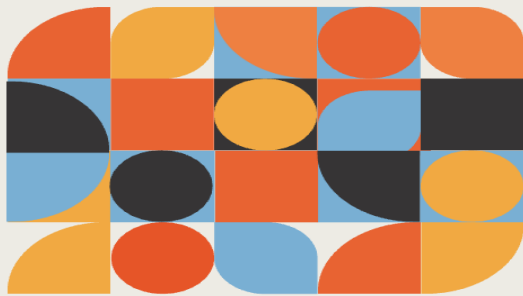
O orgulho pelo corpo negro manifestado no vestuário usado pelo Movimento da Negritude

Vejamos, agora, o que Harkot-De-La-Taille e De La Taille (2004, p. 78) dizem sobre o orgulho: “O orgulho é um tipo de antônimo da vergonha: o sujeito compartilha os valores de seu grupo; experimenta um sentimento, se não de superioridade, ao menos de elevação, em consequência da auto-imagem de que goza; e, finalmente, por meio da possibilidade” de exposição o “autoconceito é realimentado, a partir do juízo alheio [positivo]” (HARKOT-DE-LA-TAILLE; DE LA TAILLE, 2004, p. 94). A exposição real ou imaginada é relevante para o orgulho, pois confirma no sujeito o sentimento positivo de satisfação com sua própria imagem.

Considerando no contexto da semiótica (FIORIN, 2013), ao contrário da pessoa envergonhada que se esconde para evitar o julgamento negativo, o sentimento de orgulho pode servir para manipular a pessoa adotar, manter ou expor o que é considerado de orgulho para provocar o recebimento de prêmios (sanção pragmática) ou provocar a criação de uma imagem positiva de si aos olhos dos outros (sanção cognitiva). Por exemplo, um halterofilista que sente que ser musculoso é percebido como atraente pelos outros, pode usar camisas apertadas para expor os seus músculos ou ir correr na rua sem camisa, provocando uma imagem positiva de si ao olhar dos outros ou provocando sanções pragmáticas positivas (olhares de admiração, elogios, conquista de parceiras amorosas etc.).

Durante o tempo da etnografia, pudemos perceber que as pessoas do estudo construíam uma narrativa que se encaixa no enquadramento sobre o orgulho conforme abordagem de base semiótica discursiva que explicamos acima. Essa narrativa é sobre uma retomada do orgulho das pessoas negras pelo seu corpo negro, com seus traços diacríticos corporais como nariz largo, lábios grossos, cabelo crespo ou cacheado, pele escura etc. Tal narrativa pode ser resumida como se segue: *O grupo de pessoas negras antirracistas compartilham uma visão racializada dos sujeitos negros antes da colonização europeia, tomando-os como tipos essenciais e modelos originários do Negro, e os enxergam positivamente como pessoas que eram livres e poderosas. Inserido nesse grupo de pessoas negras antirracistas, no hoje, o indivíduo racializado como negro sente que os traços diacríticos da raça negra que carrega em seu corpo são positivos, o que lhe causa sentimento de orgulho ao se expor ou se imaginar exposto ao grupo que compartilha essa mesma visão positiva do Negro modelo originário essencialmente livre e poderoso. Tal sentimento de orgulho provoca ações em tais sujeitos inclinadas a adotar, manter ou expor os sinais diacríticos da raça negra de várias formas, inclusive no vestuário, de maneira a provocar o recebimento de prêmios e a construção de uma imagem positiva de si aos olhos dos outros.*

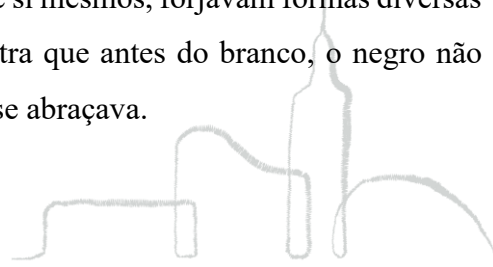




Vejamos com dados da etnografia, como essa narrativa do orgulho pelo corpo negro se constrói. Primeiro, mostraremos posts que exemplificam a visão racializada e idealizada do Negro do passado pré-colonização. Depois, vamos mostrar como essa visão reverbera na adoção, manutenção e exposição de itens de vestuário que demonstram o orgulho em pessoas negras brasileiras antirracistas pelos seus traços diacríticos da “raça” negra. Outras atitudes também demonstram esse orgulho pelo corpo negro, como a transição capilar (onde se deixa de alisar os cabelos crespos ou cacheados), o se autodenominar negro ao invés de moreno, o evitar rinoplastias etc., mas nosso foco é no vestuário usado para manifestar o orgulho pelo corpo negro.

Com a etnografia, notamos vários posts que constroem uma narrativa que indica que antes da ação dos colonizadores europeus, os negros e negras não tinham internalizado a cultura eurocêntrica e racista; de modo que os negros eram seu próprio ideal e podiam viver conforme seus próprios valores e tradições criados por eles mesmos. Tais posts informavam que os negros e negras amavam seus próprios corpos e as práticas culturais exercidas e criadas por esses corpos, porque até então nenhum branco europeu tinha vindo de fora para lhes dizer que eles eram feios, que a religião deles era do diabo ou que suas manifestações culturais eram primitivas e inferiores e que por isso eles deveriam se embranquecer ou europeizar. O Negro, antes do Branco, é retratado como onipotente, pois ele podia agir livremente, criando formas de vestir, cultivar, amar, modificar o corpo, fazer arte; tinha domínio sobre si mesmo; conduzia sua própria vida de maneira autônoma, sem as coerções do Outro “Branco”; tinha poderio sobre grandes reinos e era parte de poderosas civilizações, como a egípcia. A figura 2 mostra exemplos de posts que manifestam esses sentidos.

Na figura 2, há um post feito por Júlia Silva de Oliveira que mostra quadros de uma entrevista concedida por Lupita Nyong'o, a qual foi uma das atrizes do filme *Pantera Negra* (2018). Ao ser indagada sobre o porquê de os negros em Wakanda (nação fictícia que é governada pelo Pantera Negra) não terem cabelos alisados e porque isso seria importante, Lupita afirma que, antes dos colonizadores brancos, os negros na África manipulavam seus cabelos das mais diversas formas, e que o novo não é a manipulação dos próprios cabelos pelos negros, mas a vergonha e rejeição que os negros passaram a ter pelas tranças e cachos. Segundo a atriz, como Wakanda nunca foi colonizada, os negros ali se amam e possuem seu próprio modelo de beleza independentemente do padrão eurocêntrico. Esse post constrói os negros e negras do período anterior à colonização como criativos e donos do próprio corpo, pois eram senhores de si mesmos, forjavam formas diversas de se embelezarem e inventam seus próprios padrões de beleza. Ele mostra que antes do branco, o negro não odiava sua aparência, mas estava satisfeito consigo mesmo; ele se amava, se abraçava.



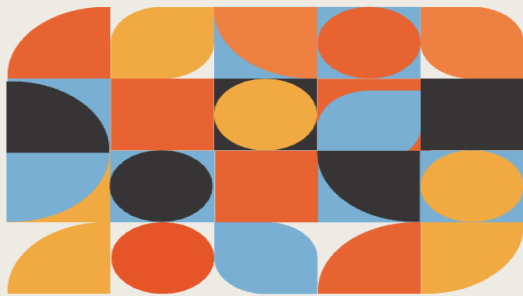
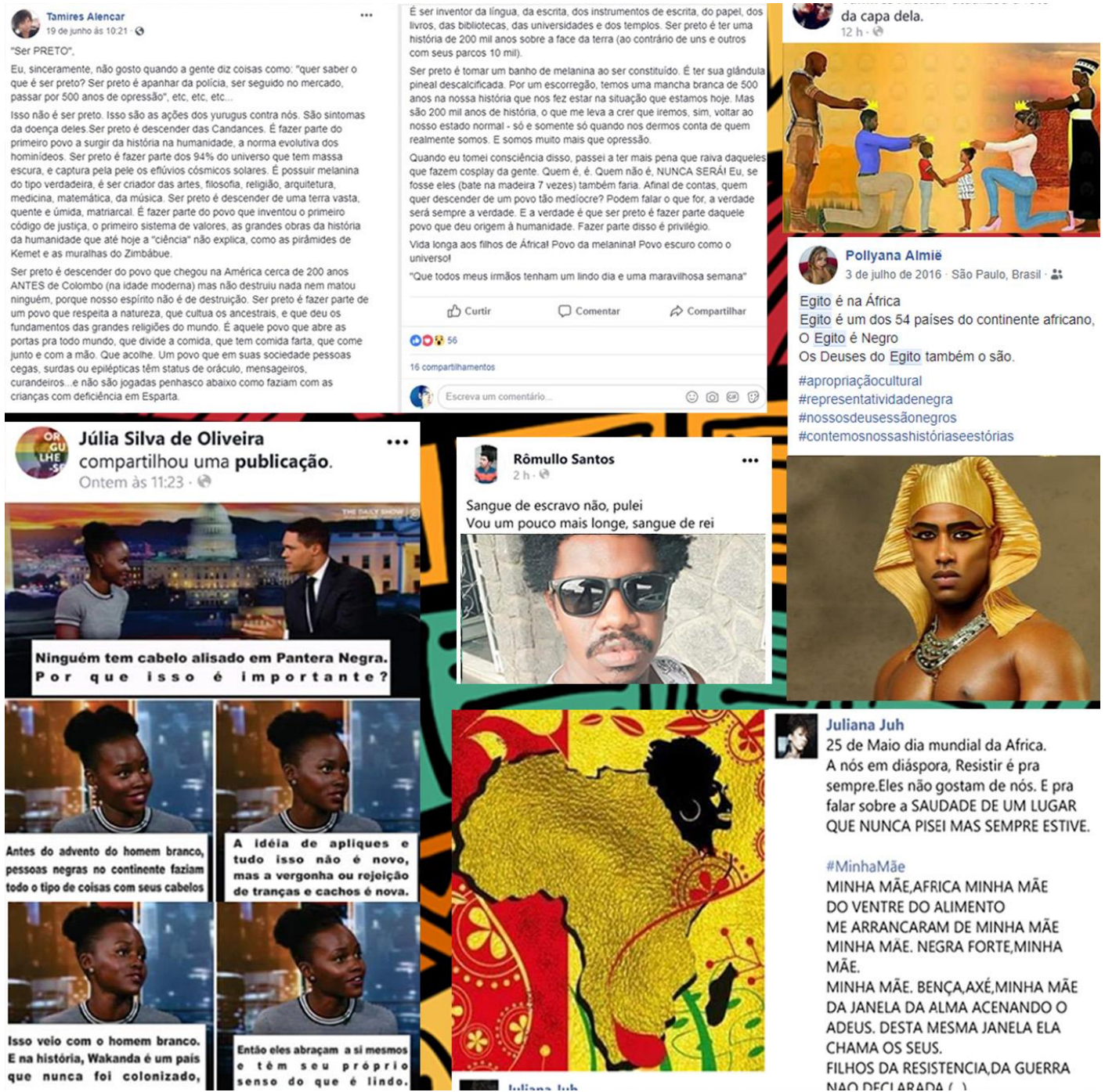
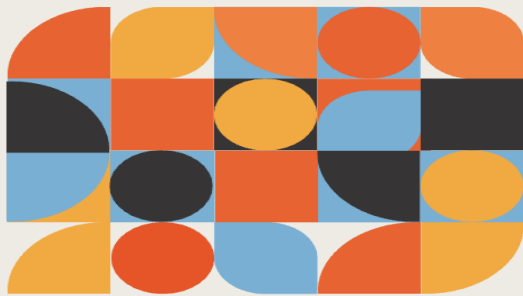


Figura 2: Posts sobre o passado idealizado do Negro na África pré-colonização



Fonte: Elaborado a partir de prints do Facebook dos participantes.

As pessoas negras do estudo entendem que as qualidades positivas do Negro ideal do passado africano pré-colonização se perpetuam para os negros e negras do hoje, como se lhes fossem essenciais. Assim, os

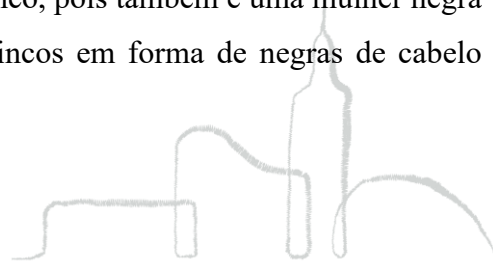


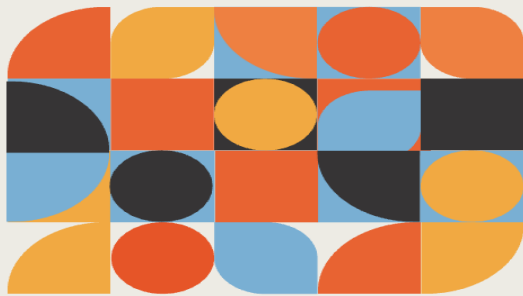
participantes passam a adotar, manter e expor elementos estéticos de vestuário que fazem referência a esse corpo negro ideal, gerando uma categoria de vestuário que chamamos de “*vestuário de orgulho pelo corpo negro idealizado*”, a qual se subdivide em 3 subcategorias, a saber: *a) brincos com referência ao corpo negro; b) flores no cabelo cacheado e no cabelo crespo; c) imagens de corpos negros representados em roupas*. Com esse vestuário, os participantes buscam provocar a construção de uma imagem positiva de si mesmos aos seus próprios olhos e aos olhos dos outros, e o recebimento de elogios e outras reações positivas. Discutiremos cada subcategoria nas próximas seções.

Brincos com referência ao corpo negro

Algumas peças muito usadas foram brincos que referenciam os corpos negros, tornando explícito que as pessoas que os usam tomam a responsabilidade por se colocarem como negras diante dos outros e estão orgulhosas por pertencerem a essa classificação racial. Na figura 3, vemos brincos com a palavra “preta” e “crioula”, e houve brincos como o nome “negra” também.

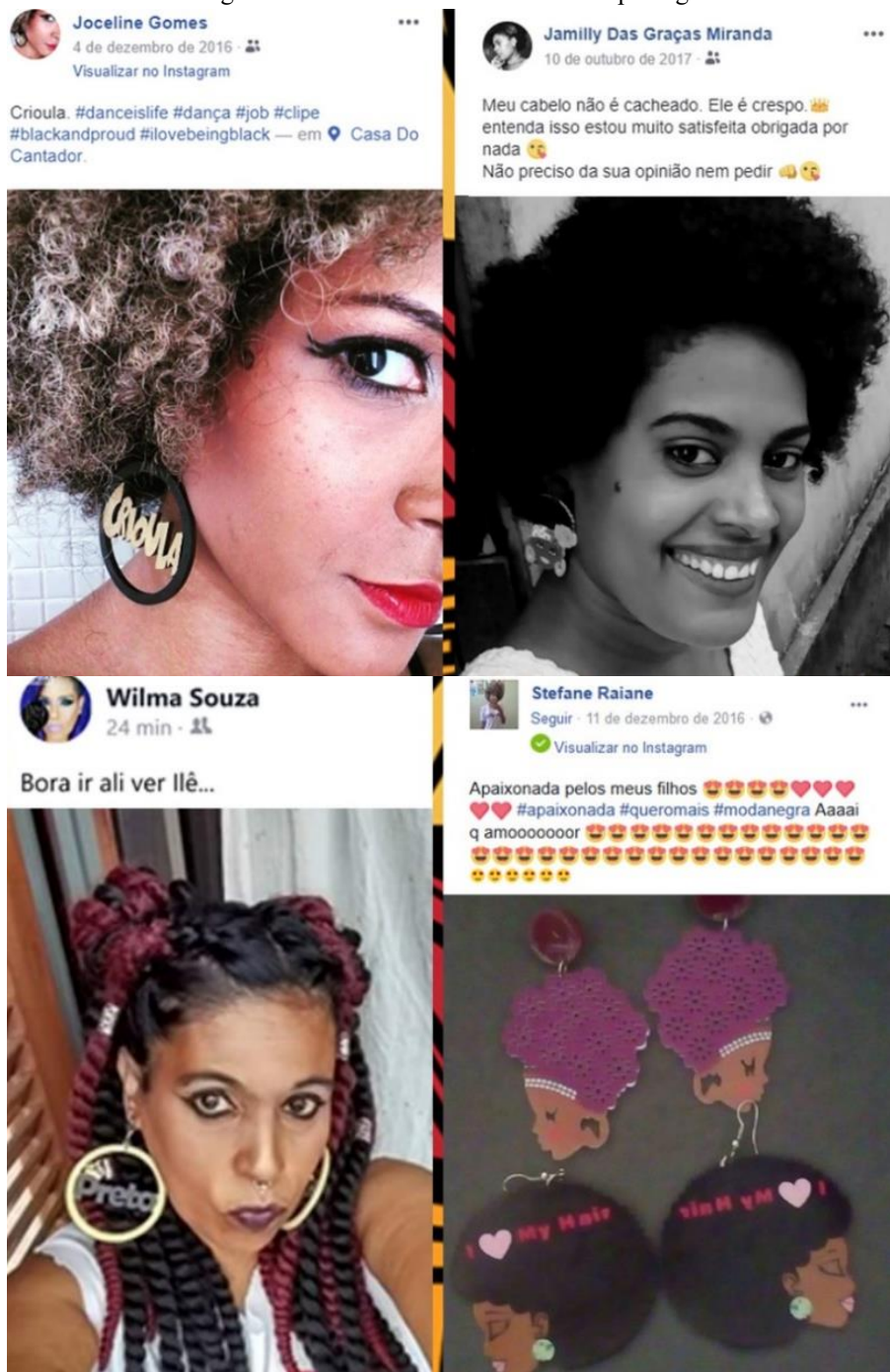
Em seu post (figura 3), Jamilly das Graças Miranda usa um brinco no formato de uma cabeça de uma mulher com pele escura, lábios grossos, brincos de argola, turbante e cabelo escuro em estilo black power. A bonequinha do brinco é “igual” a Jamilly que também é negra e tem o cabelo crespo no estilo black power. Expor esse brinco que se parece com ela comunica que ela tem orgulho das suas características físicas que a constroem como negra. Olhar para o brinco é como olhar para si mesma, e admirar a beleza do brinco é admirar a si mesma, porque ambos são “idênticos”. A legenda da imagem reitera tudo isso, ajudando a dar sentido ao uso desse acessório, pois em seu texto, Jamilly reivindica que seu cabelo seja reconhecido como crespo ao invés de cacheado, porque ser chamado de cacheado poderia ser visto como um eufemismo, uma vez que o cabelo crespo é desvalorizado e estigmatizado por muitos como ruim e feio, de modo que chamá-lo de cacheado seria uma tentativa de desassociar o cabelo crespo dos significados negativos ligados a ele. Ao ver quem ela é, ela gosta da imagem de si mesma, por isso sorri e diz que está “muito satisfeita”. O ideal de cabelo liso e não-crespo já não faz mais sentido para ela, a textura do seu próprio cabelo é o seu ideal, é seu modelo do que é ser bonita. Brinco parecido é usado por Tamires Alencar, a qual também se parece com o brinco, pois também é uma mulher negra de cabelo crespo em estilo black power. Stefane Raiane mostra seus brincos em forma de negras de cabelo



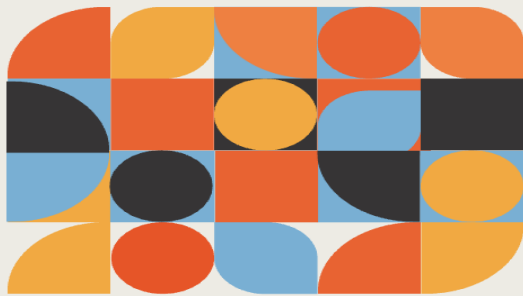


volumoso. Em um deles, há escrito em inglês “eu amo meu cabelo”, o que reforça a noção de orgulho e amor-próprio na exposição desses acessórios.

Figura 3: Brincos com referência ao corpo negro



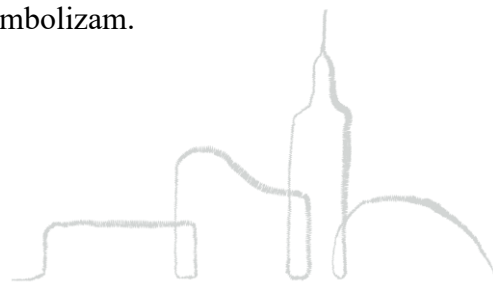
Fonte: Elaborado a partir de prints do Facebook dos participantes.



Flores no cabelo cacheado e no cabelo crespo

Outros acessórios utilizados foram as flores colocadas sobre o cabelo crespo ou cacheado, principalmente se ele estava no estilo black power. Os participantes do estudo consideram o cabelo crespo e cacheado como uma das principais características dos corpos negros, e informam que esse tipo de cabelo é estigmatizado e ocultado por meio de cortes, penteados ou alisamentos na tentativa de reduzir a carga negativa associada a esses corpos, pois, numa sociedade racista e eurocêntrica, o padrão de beleza acaba privilegiando as características da “raça” branca que incluiria o cabelo liso, gerando vergonha pelo cabelo crespo e cacheado. O uso das flores no cabelo vai contra justamente essa negatização e ocultação dos cabelos crespos/cacheados e do significado de negritude que eles comunicam. Ao usá-las sobre os cabelos crespos já altos, essas pessoas conseguem chamar atenção direta para seus black powers: ao invés de esconder os cabelos crespos/cacheados do olhar dos demais, os outros são levados quase instantaneamente a olharem para as flores do cabelo, porque elas são muitas, são mesmo exageradas por vezes. Ao mesmo tempo, as flores são símbolos da beleza natural, da perfeição, da delicadeza, da sedução, do amor, significados positivos que as pessoas que usam esse acessório querem que estejam associados aos seus cabelos crespos e cacheados. As flores acabam sendo comparadas com o cabelo crespo/cacheado que cresce para cima, como se as flores estivessem brotando do couro cabeludo desses sujeitos que as usam. Assim, percebe-se que o cabelo é como a flor e a flor é como o cabelo: o cabelo crespo ou cacheado é então beleza natural dos negros; não é um defeito físico, mas parte do que os torna perfeitos, ideais; são delicados e bem cuidados como as flores, não duros e sujos; são agradáveis ao olhar dos outros; são e merecem ser amados pelos seus donos e pelos demais.

Dessa forma, o uso dessas flores nos cabelos crespos ou cacheados resiste contra o eufemismo realizado nos corpos dos negros que apaga ou suaviza características corporais notavelmente negras para evitar a associação das pessoas negras à significados negativos. Essas flores exageram o cabelo crespo/cacheado, ou seja, hiperbolizam o que há de negro neles ao mesmo tempo em que dão um significado positivo a essa característica corporal. Podemos pensar o uso desse acessório como mecanismo de exibição que tende à posituação, um “encarecimento” dos cabelos crespos/cacheados, no sentido de que exagera o valor ou as qualidades positivas associadas a eles, uma das qualidades sendo a própria negritude que eles simbolizam.



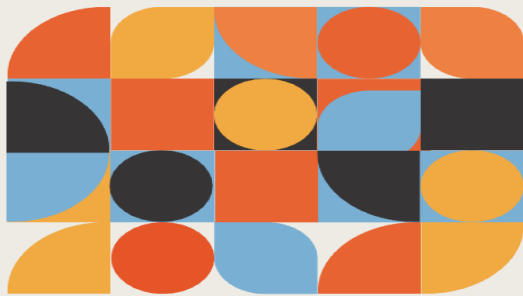
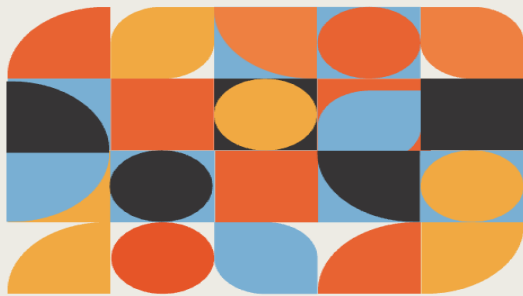


Figura 4: Flores no cabelo cacheado e no cabelo crespo



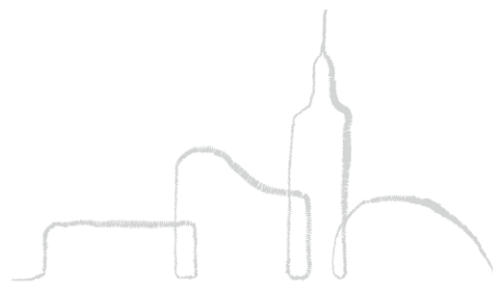
Fonte: Elaborado a partir de prints do Facebook dos participantes.



Imagens de corpos negros representados em roupas

Uma outra estética recorrente que referenciava o corpo negro de maneira positiva diz respeito ao uso de imagens de corpos negros estampados ou bordados em roupas. Normalmente, eram representações de corpos femininos em roupas femininas. Algo a se notar é que esse corpo negro desenhado é usado para embelezar quem o veste e agradar a vista de quem olha para a roupa. Isso é parte da moda: a sedução, o espetáculo estético. Por meio disso, se resiste contra a cultura racista que inferioriza o corpo negro e informa que ele é feio e que precisa se embranquecer para se tornar belo. Como nos brincos com rostinhos de mulheres negras com black power, a mulher negra estampada é “igual” à mulher negra que usa a estampa, elas têm mais ou menos a mesma cor de pele e textura de cabelo, além de traços faciais semelhantes, como nariz largo e lábios grossos. Assim, comunica-se que mulher negra do desenho e a mulher negra que usa a roupa estampada, ambas são belas e agradáveis ao olhar. A usuária se orgulha de seus traços corporais, herdados de seus antepassados poderosos e livres, e isso se manifesta na exposição desses traços pelas estampas de corpos negros em sua roupa.

Na figura 4, pode-se ver um post de Halda Regina, em que ela usa um vestido com imagens de três mulheres egípcias de pele negra. Relembremos o que falamos antes que os traços do corpo negro passam a ser visto como positivos e a provocar sentimento de orgulho porque são tidos como manifestações daquele modelo idealizado de Negro da África pré-colonização, o qual era poderoso, livre, grandioso, nobre, sagrado, criador. Em seu vestido, Halda expõe o corpo negro que realiza, ou seja, que imita esse ideal: um corpo negro do Antigo Egito, era maravilhosa de faraós negros de amplo poder, época de deuses negros, como falou Pollyana Almië em sua postagem na figura 2. Os negros no presente percebem que seus traços corporais são como os desses negros ideais do passado antes do racismo e do eurocentrismo, e, sendo assim, notam que seus corpos atuais perpetuam as qualidades positivas dos negros do passado: o negro do hoje se percebe belo, poderoso, grandioso, sagrado, nobre e livre como eram os negros na África pré-colonização. É por sentir que seus traços corporais são positivos e possuem valor elevado que as pessoas negras do estudo expõem esses traços diacríticos da “raça” negra em seu vestuário para que os demais também reconheçam sua beleza e forneçam reações positivas, sanções pragmáticas positivas.



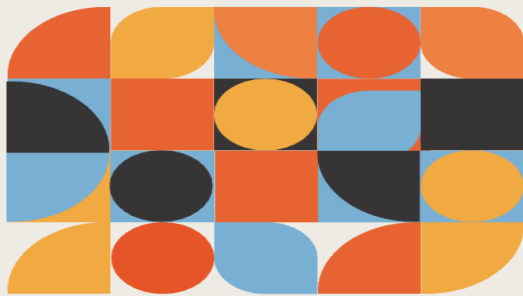
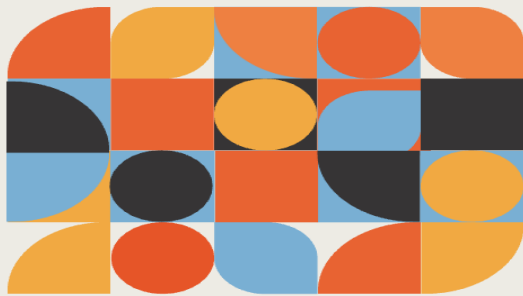


Figura 4: Imagens de corpos negros representados em roupas



Fonte: Elaborado a partir de prints do Facebook dos participantes.





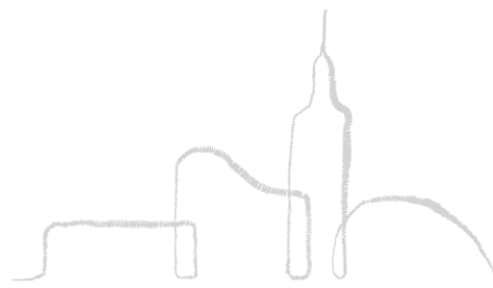
Considerações Finais

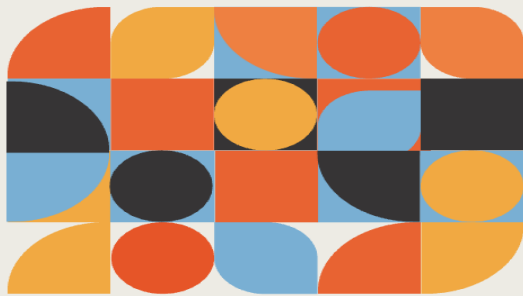
Este artigo trouxe mais um pouco de conhecimento sobre como as pessoas brasileiras negras e antirracistas do Movimento da Negritude constroem uma narrativa de sofrimento e redenção em relação aos seus corpos, inclusive com o auxílio do vestuário que consomem.

O sofrimento aparece nos vínculos de seus corpos à significados negativos devido à sua inferiorização histórica e à história que os inferioriza, causando vergonha pelos seus traços corporais que as constroem exatamente como negras: seus cabelos crespos e cacheados, seus lábios grossos, seus narizes largos, suas peles escuras. Tal vergonha provoca a rejeição, abandono ou ocultação de tais traços, por meio de atos como alisamento capilar, rinoplastias, evitação de roupas e cosméticos que destaquem a pele, boca e cabelos. Assim, buscam evitar a discriminação e o preconceito que acomete aqueles racializados como negros: como genocídio, xingamentos e críticas à aparência corporal, rejeição amorosa, imagem negativa de si mesmas aos seus próprios olhos e aos olhos dos outros etc.

A redenção aparece num retorno simbólico a uma época melhor, antes da história de dor e angústia causada pelo racismo e pelo eurocentrismo. Nesse ideal de passado da África da época pré-colonização, o corpo negro aparece vinculado ao poder, à liberdade, à autonomia, à beleza, à nobreza, à riqueza, causando orgulho nas pessoas negras pelos seus traços corporais que as constroem exatamente como negras: seus cabelos crespos e cacheados, seus lábios grossos, seus narizes largos, suas peles escuras. Orgulhosas, essas pessoas passam a adotar, manter e expor tais traços corporais, dentre outras maneiras, também no uso das seguintes subcategorias de vestuário: *a) brincos com referência ao corpo negro; b) flores no cabelo cacheado e no cabelo crespo; c) imagens de corpos negros representados em roupas*. Ao conjunto dessas subcategorias damos o nome de “*vestuário de orgulho pelo corpo negro idealizado*”, que é uma categoria maior. Pelo uso desse vestuário, as pessoas do estudo buscam provocar a construção de uma imagem positiva de si mesmas aos seus próprios olhos e aos olhos dos outros, e o recebimento de elogios e outras reações positivas.

Uma sugestão para futuras pesquisas é identificar se existem outras subcategorias de vestuário que poderiam ser englobadas nessa categoria maior de “*vestuário de orgulho pelo corpo negro idealizado*”.





Referências

BATISTA, Isaac Matheus Santos. **O Negro Herói e seu traje**: sentidos do consumo de vestuário pelo Movimento da Negritude na contemporaneidade. 2019. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Consumo, Cotidiano e Desenvolvimento Social, Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2019. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1aXczXMZ7oyuGBV3RvkHnkrMq1VGUCcG8/view?usp=sharing>. Acesso em: 13 jun. 2025.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2013.

HARKOT-DE-LA-TAILLE, Elizabeth; DE LA TAILLE, Yves. A construção ética e moral de si mesmo. *In*: SOUZA, Maria Thereza Costa Coelho de (Org.). **Os sentidos de construção**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

KOZINETTS, Robert V. **Netnography**: doing ethnographic research online. Londres: SAGE, 2010.

SANTOS, Diego *et al.* Raça versus etnia: diferenciar para melhor aplicar. **Dental Press J Orthod**, v. 15, n. 3, p. 121-124, mai./jun. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/dpjo/a/cpSn3rmDvrkMNTHj7bsPxgh>. Acesso em: 21 ju. 2025.

